

## FATO HISTÓRICO

### O NASCIMENTO DA SAÚDE PÚBLICA

Moacir Scliar

Saúde Pública pode ser concebida como a prevenção e o controle das enfermidades que afetam o corpo social. E, assim como o conceito de corpo social tem variado ao longo do tempo, também a saúde pública evoluiu de acordo com múltiplas variáveis, sociais, econômicas, culturais, que determinam a organização de uma sociedade. Podemos falar dos vários paradigmas de saúde pública, semelhante aos paradigmas que Kuhn<sup>3</sup> descreveu para a ciência em geral. Tais paradigmas sintetizam a forma de olhar o corpo social: a visão de saúde pública, que apresenta dois característicos principais: é evolutiva e é "telescópica". Isto é, o surgimento de uma nova concepção do fenômeno saúde - enfermidade não implica necessariamente o desaparecimento de concepções anteriores. O temor à doença e o desejo de evitá-la é algo profundamente arraigado no ser humano, gerando idéias e evocando fantasias que persistem ao longo do tempo, coexistindo numa mesma época, numa mesma sociedade e às vezes numa mesma pessoa.

Para Michel Foucault<sup>2</sup>, a história do pensamento médico se estrutura em *discursos*, separados por bruscos cortes epistemológicos estreitamente vinculados à realidade sócio-econômica. Quais são estes paradigmas, estes discursos, estas formas de olhar o corpo social?

No pensamento científico, de forma geral, existem, segundo Gaston Bachelard<sup>1</sup>, três períodos: pré-científico, compreendendo a antiguidade clássica, o Renascimento, chegando ao século XVIII; científico, dos fins do século XVIII até começo do século XX; e o novo espírito científico, que se inicia com a relatividade. Para uma história de saúde pública, estas fases têm de ser desdobradas, de acordo com os "olhares" lançados sobre o corpo social:

1. Mágico 2. Empírico 3. Autoritário 4. Científico 5. Social.

O período pré-científico compreende duas fases: uma fase mágica, em que as doenças são atribuídas a demônios, e a cura vem da divindade; o intermediário entre o doente e as forças do bem e do mal é o feiticeiro, o "Shaman".

Na fase pré-científica propriamente dita - da antiguidade clássica - a crença nos poderes curativos

da divindade persiste, mas já na época grega aparece uma fissura no pensamento mágico.

Os gregos cultuavam, além da divindade da medicina, Asclepius, duas outras deusas - Hygieia (Saúde) e Panacea (Cura). Hygieia era uma das manifestações de Athena, a deusa da razão; simbolizava o princípio de que a manutenção da saúde depende de medidas racionais. Panacea representa a crença de que tudo pode ser curado - mas esta cura, para os gregos, era obtida pelo uso de plantas e outros recursos naturais, e não apenas por procedimentos ritualísticos.

Ao reafirmar estes princípios em suas obras, Hipócrates foi mais longe no combate às idéias místicas na ciência. A respeito da epilepsia, conhecida à época por "doença sagrada", escreveu: "Se os aspectos peculiares de uma doença fossem evidência da presença divina, haveriam muitas doenças sagradas".

Na visão grega do fenômeno saúde-enfermidade mesclavam-se, pois, elementos mágicos e elementos empíricos. Não havia um método científico; o apoio tecnológico era praticamente nulo. É um fenômeno característico das sociedades escravagistas: a tecnologia não se desenvolve, porque a industrialização não o exige; e a industrialização não se desenvolve porque a utilização da mão-de-obra escrava a torna dispensável. Os gregos já conheciam uma forma rudimentar de máquina e vapor, mas esta era utilizada como brinquedo para crianças.

O escravagismo é um obstáculo à constituição de um corpo social, e portanto às medidas de saúde. Os magníficos sistemas de abastecimento de água e esgoto de Roma destinavam-se não a toda a população, mas a uma reduzida parte desta.

A Idade Média, uma era de pestilências, não trouxe contribuições apreciáveis para o desenvolvimento da saúde pública. Nessa fase surgiram os primeiros hospitais, mas esses eram estabelecimentos destinados sobretudo à caridade e não à cura dos doentes. Também nessa época a farmácia ganhou impulso mas graças, sobretudo, à contribuição árabe no uso de plantas e de drogas. As universidades, criadas no fim da Idade Média, pouco tinham, pois, a ensinar, mas contribuíram para a institucionalização das profissões de saúde.

Com a Revolução Mercantil tem início a Idade Moderna, caracterizada pelo incremento do comércio e pela urbanização. O surgimento das cidades gerou

\* Médico de Saúde Pública. Escritor

Recebido para publicação em 15/12/86

problemas apreciáveis de saúde pública, sobretudo em termos de doenças transmissíveis. A primeira aproximação para o controle de tais problemas foi autoritária de acordo, aliás, com os princípios do Estado absolutista. O conceito de política sanitária foi formulado em 1779 por Johan Peter Frank. Tinha caráter autoritário e paternalista; quando aplicado a problemas específicos, preocupava-se com as leis que tinham de ser aprovadas e com os detalhes do que deveria ser feito; tudo baseado em observações empíricas, pois, embora o microscópio existisse desde o século XVII, não havia ainda conhecimentos suficientes sobre a gênese das doenças, especialmente as transmissíveis. O que não impediu, diga-se de passagem, que em 1854 John Snow fizesse a primeira investigação epidemiológica em bases científicas, utilizando dados referentes a um surto de cólera. A fase científica da saúde pública encontrou um substrato tecnológico na Revolução Industrial. Graças aos novos recursos de laboratório nasce, com Pasteur e Koch, a microbiologia. Pasteur era, aliás, um cientista muito ligado à indústria; suas pesquisas sobre fermentação, por exemplo, foram feitas a pedido de fabricantes de vinho.

Da mesma forma, os governantes passaram a exigir, das profissões da saúde, respostas para os grandes problemas surgidos com a industrialização e urbanização, particularmente no que se refere à necessidade de mão-de-obra hígida. A medicina vincula-se ao processo de produção. O hospital, que até então fora um depósito de doentes, administrado em moldes caritativos passa a ser visto como instituição recuperadora da saúde; ao contrário, os loucos, que durante a Idade Média eram tolerados, têm agora de ser confinados por estarem alienados do processo da produção. O ensino médico passou a ser regulamentado.

A centralização do poder, à medida que se foram estruturando as nações modernas, permitiu que a Saúde Pública fosse se definindo; o surgimento das estatísticas vitais foi um passo importante para isto. Outro foi a adoção de medidas legais de proteção à saúde, sendo de destacar nesse campo o trabalho

pioneiro do advogado inglês Edwin Chadwick, que em 1842 apresentou um relato intitulado "Condições Sanitárias da População Obreira da Grã-Bretanha". A publicação desse relato estimulou o Parlamento inglês a formular a Lei de Saúde Pública, de 1848.

Em 1883 foi introduzido, na Alemanha, por Bismarck, o seguro-doença obrigatório; como a nota Sigerist<sup>4</sup> isto ocorreu contra a vontade dos médicos e mesmo das classes dominantes; Bismarck, porém teve suficiente visão para verificar que a própria rentabilidade da sociedade dependia dessa medida.

Recentemente, um outro fator veio tornar mais necessário o controle social sobre a área de saúde e assistência médica: trata-se da escalada dos custos que, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, sobem a um ritmo superior ao da inflação. É uma decorrência do que tem sido chamado "complexo médico-industrial": a associação entre assistência médica e o interesse de poderosas indústrias, entre elas a de medicamentos e de equipamentos.

As sucessivas etapas acima descritas correspondem à evolução clássica num país desenvolvido segundo o modelo capitalista. Nada impede que uma ou várias dessas etapas possam ser "queimadas". De outra parte, a visão da sociedade sobre o seu próprio corpo social é, como foi dito, uma visão "telescópica". Alguns setores podem ter uma visão social dos assuntos de saúde, enquanto outros continuam vendo o processo saúde-enfermidade por uma perspectiva mágica.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bachelard G. *O novo espírito científico*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1968.
2. Foucault M. *The birth of the clinic*. Pantheon, New York, 1973.
3. Kuhn TS. *A estrutura das revoluções científicas*. Perspectiva, São Paulo 2ª edição, 1978.
4. Sigerist HE. *Civilization and disease*. The University of Chicago Press, Chicago, 1943.